

>> Relatos de Experiência

Tudo o que queria dizer sobre todas as coisas da existência¹

Ana Paula da Silva Menezes²

Resumo: Este trabalho tem a intenção de relatar as aulas desenvolvidas no Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp-UFRGS) para a disciplina de Estágio de Docência em Português II da Licenciatura em Letras em Língua Portuguesa e sua literatura. O projeto intitulado “Tudo o que eu queria dizer sobre todas as coisas da existência” foi pensado com o propósito de expandir o olhar do alunado para a pluralidade da cultura regional e conduzi-los ao convívio com gêneros textuais para além da funcionalidade comunicativa da língua, isto é, a língua como objeto de ensino-aprendizagem, de criticidade e denúncias. As referências teóricas utilizadas foram: Moura (1976), Antunes (2003, 2007), Foucault (1996), Bakhtin (2013). A metodologia utilizada para a aula contemplou aulas expositivas e dialogadas, contextualizadas com a realidade dos educandos, e momentos práticos para a produção escrita do gênero cordel pelos estudantes e a produção de prática artística de Isogravura, com a componente curricular de Arte, que resultou ao final da prática em um sarau poético, organizado pelos estudantes, para o compartilhamento de suas escritas.

Palavras-chaves: Cordel. Educação de Jovens e Adultos(EJA). Sarau poético. EJA. Literatura de Cordel.

Everything I wanted to say about all things in existence

Abstract: This work intends to report the classes developed at the Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp-UFRGS) for the subject Internship of Teaching in Portuguese II of the Licentiate in Letters in Portuguese Language and its literature. The project entitled "Everything I wanted to say about all the things in existence¹" was conceived with the purpose of expanding the students' view of the plurality of regional culture and leading them to coexistence with textual genres beyond the communicative functionality of the language, that is, language as an object of teaching and learning, of criticism and denunciations. The theoretical references used were: Moura (1976), Antunes (2003, 2007), Foucault (1996), Bakhtin (2013) and others. The methodology used for the class included expository and dialogic classes, contextualized with the students' reality, and practical moments for the written production of the cordel genre by the students and the production of artistic practice of Isogravure, with the discipline of Art, which resulted in the end of practice in a poetic soirée, organized by the students, for sharing their writings.

Keywords: String. Youth and Adult Education (EJA). Poetic soirée. Literature of twine.

¹Jarid Arraes (Redemoinho em dia quente, p. 30).

²Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: menezesannamenezes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1784-0247>.

Todo lo que quería decir sobre todas las cosas que existen

Resumen: Este trabajo pretende relatar las clases desarrolladas en el Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp-UFRGS) para la asignatura Pasantía de Enseñanza de Portugués II de la Licenciatura en Letras en Lengua Portuguesa y su Literatura. El proyecto titulado “Todo lo que quería decir sobre todas las cosas existentes¹” fue concebido con el propósito de ampliar la mirada de los estudiantes sobre la pluralidad de la cultura regional y llevarlos a la convivencia con géneros textuales más allá de la funcionalidad comunicativa de la lengua, que es, decir, el lenguaje como objeto de enseñanza y aprendizaje, de crítica y denuncia. Los referentes teóricos utilizados fueron: Moura (1976), Antunes (2003, 2007), Foucault (1996), Bajtín (2013) y otros. La metodología utilizada para la clase incluyó clases expositivas y dialógicas, contextualizadas con la realidad de los estudiantes, y momentos prácticos para la producción escrita del género cordel por parte de los estudiantes y la producción de práctica artística de Isograbado, con la disciplina de Arte, que resultó al final de la práctica en una velada poética, organizada por los estudiantes, para compartir sus escritos.

Palabras clave: Cadena. Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). Velada poética. Literatura de hilo.

1 Introdução

O projeto *Tudo o que eu queria dizer sobre todas as coisas da existência* foi pensado com o propósito de expandir o olhar do alunado para a pluralidade da cultura regional e conduzi-los ao convívio com gêneros textuais para além da funcionalidade comunicativa da língua. Dessa forma, a escolha pelo gênero cordel objetiva a apreciação poética do gênero, que carrega em sua história muita resistência e críticas sociais, pois como aponta Moura (1976, p. 5) “ele desempenha o papel de refletir os problemas da sociedade sertaneja, as suas contradições estruturais, circulando como elemento de ligação entre os diversos grupos sociais que, através dela, vêm(sic) os seus problemas projetados”. Assim, desenvolve-se com os estudantes sua criticidade, sua criatividade e a sua autoria, além de propiciar momentos de apreciação poética e das diversas possibilidades de expressão linguísticas.

Desenvolve-se na Educação de Jovens e Adultos, no CAp, desde o primeiro semestre de 2021 um projeto interdisciplinar de educação linguística e literária, que pressupõe a integração das Línguas e Literaturas que compõem o Bloco Comunicação – a denominação dada para a união de componentes curriculares que contemplam a área de linguagens e suas tecnologias. Assim, o planejamento do currículo é compartilhado entre os profissionais e os estudantes, compondo, assim, uma prática colaborativa. O Ensino Médio, seriação esta que contempla a prática, se organiza em turmas de M1, M2 e M3, que correspondem ao 1º, 2º e 3º do ensino regular, e, em função do número reduzido de estudantes, tem se organizado de forma multisseriada. Essa dinâmica possibilitou uma sala de aula com mais de 20 alunos, o que enriquecia muito as discussões e as trocas de experiências.

Buscou-se alinhar a escolha dos textos de forma que dialogassem com a realidade social dos alunos e que conversassem com as atividades que o colégio desenvolve, como Saraus e Roda de Slam, além de trabalhar a oralidade e variação linguística, a fim de estimular a participação dos alunos, aproximá-los dos textos escolhidos e provocar o seu olhar crítico e poético, possibilitando o fortalecimento de suas capacidades de leitura e escrita e a valorização da oralidade.

1.1 Concepções teóricas

Sendo a escola um espaço de conhecimento, de “condução à civilização”, de tornar-se sujeito dentro da sociedade, apropriar-se da escrita como instrumento para se apossar de seus direitos como cidadão, ela é também um espaço de castração e regulação de corpos e ainda, é responsável pela uniformização desses e de seus saberes, ditando os conhecimentos legítimos e importantes e os saberes desnecessários e marginais, dialogando com Foucault, que afirma que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.” (FOUCAULT, 1996, p. 44). A prática exposta procura utilizar a língua como forma de subversão, fazendo aquilo que Conceição Evaristo evoca ao falar que “diante das histórias que incomodam, a escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. E no campo da literatura é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível”³ (EVARISTO, 2020, n.p). Logo, conceitua-se a língua de acordo com a teoria sociointeracionista de Antunes (2003, p. 42) que postula que “a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos”. Assim, trabalhou-se a oralidade e a discursividade em seus contextos de uso, abordando junto com os alunos as variações e intenções de escrita, expandindo as percepções para a materialização da língua para além da norma-padrão, reconhecendo que, como pontua a autora,

O uso de determinada língua constitui mais que um fato isolado. É mais que um fato especificamente linguístico, vocal ou gráfico. É mais que um exercício prático de emissão de sinais. É um ato humano, social, político, histórico, ideológico, que tem consequências, que tem repercussões na vida de todas as pessoas. É um fato pelo qual passa a história de todos, o sentido de tudo. (ANTUNES, 2007, p. 21).

Neste sentido, sendo a língua um ato humano e político, é também uma atividade interativa, que para Antunes (2003) é uma ação dialógica, requerendo dessa forma, encontro e comunhão de ideia entre aquele que escreve e aquele que o lê, o que prescinde ainda, que haja o que dizer, que haja mensagem a ser dita. Outrossim, utilizar-se da escrita para que os alunos pudessem escrever suas próprias narrativas, para que eles sentissem que realmente tinham algo para contar ao mundo é disputar esse espaço de poder que tanto lhes é negado, pois “mais do que compreender ou abandonar os sistemas de poder, é preciso disputá-los para que as línguas também sejam espaços de luta” (NASCIMENTO, 2019, p. 21).

Para tanto, lançou-se mão do gênero cordel para organização discursiva da narrativa dos estudantes. Assim, o alunado obtinha por meio das características formais do gênero e de seus conhecimentos prévios sobre o discurso estudado informações que os guiavam para a

³ SANTANA, Tayrine. ZAPPAROLI, Alecsandra. **CONCEIÇÃO EVARISTO – A escrevivência serve também para as pessoas pensarem**. Itaú Social. 9 de novembro de 2020. Rede Galápagos, São Paulo Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 14/05/2022.

leitura e interpretação do formato. Além disso, já antecipava a necessidade de formular um trabalho discursivo dentro desse mesmo formato que organizaria todo o desenvolvimento do projeto, pois apesar de não possuírem conhecimentos formais sobre a estruturação dos gêneros de discursos, reconhecem, por meio das formas organizacionais, o funcionamento, meio de circulação e exigências estéticas desse canal.

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras [...] A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação (BAKHTIN, 2003, p. 283).

Assim sendo, os estudantes leram e apreciaram diferentes textos do gênero cordel para produzirem, ao final, cordéis que pudessem expressar seus sonhos e desejos para o futuro, adequando toda a estruturação e fonética da narrativa à estrutura do gênero cordel. Esse movimento de “adequação” não foi uma exigência da professora, pois, não se cobrou que os alunos dominassem estruturas formais, nem mesmo que alcançassem rimas perfeitas. A intencionalidade da escrita era a de abrir o espaço para a expressão de si e de seus sonhos. A formalização surgiu apenas pela internalização do agrupamento de discursos por suas características e semelhanças.

1.1.1 Aplicação do projeto

(Aula 1-50 min)

Para iniciar, propôs-se a leitura de um conto da escritora Jarid Arraes, *Asa no pé*, para dialogar com os estudantes sobre a necessidade de expressar-se por meio da escrita. A intenção de iniciar com essa pequena história surge com a intenção de sondar os conhecimentos dos alunos sobre o gênero cordel e também de provocar essa voz resiliente que procura alguém para ouvir seus sonhos, como fez a personagem do conto. Além disso, possibilitou conhecer os alunos e perceber as relações que conseguem estabelecer com o texto, sua compreensão e interpretação das leituras.

(Aula 2 – 50 min)

Para o estudo dos elementos de uma narrativa, iniciou-se a leitura do cordel Luísa Mahin da obra *Heroínas Negras Brasileiras*. Realizou-se um momento de leitura em voz alta e boa parte da turma participou. A professora pontuava elementos importantes como espaço, tempo e personagens para que os alunos conseguissem cumprir a atividade seguinte.

Além da leitura, dialogou-se sobre a personagem inspiradora do cordel. A trajetória de Mahin trouxe muito alento e estímulo para as alunas negras, que se identificaram e pontuaram em suas respostas sobre como a força e a resiliência da personagem pareciam com as suas no enfrentamento das lutas diárias. Esses apontamentos foram importantes para o seguimento da prática, pois, a estagiária almejava trazer narrativas que dialogassem com os

alunos e os inspirassem, portanto, retomou-se o cordel nas aulas posteriores, havendo, assim, algumas mudanças na estrutura da prática que pretendia abordar um cordel por aula. Assim, na aula seguinte, manteve-se o cordel de Luísa Mahin, percorrendo o vocabulário, tipos de narrador e momentos históricos, como a Revolta dos Malês e a Sabinada, as quais os alunos não conheciam.

(Aula 3 e 4 – 1h30 min)

Iniciou-se o trabalho referente às características do cordel. Para principiar o assunto da aula, escutamos a declamação do cordel *Literatura de Cordel*⁴, de Francisco Diniz que declama em sua narrativa a função e as características da literatura cordelista. Assim, foi uma forma poética e contextualizada ao gênero estudado para falarmos sobre suas características, introduzindo também, a musicalidade do gênero que muitos alunos acompanharam com batidas e sussurros.

Após o momento de reconhecimento das características, retomamos o cordel sobre Mahin para identificação desses traços. Nesta aula, identificou-se versos, rimas, estrofes, métrica e sílabas poéticas. Foi um momento dinâmico e lúdico, se associou às cantigas de roda, além da declamação ritmada do canto IV de Juca Pirama, que já era de conhecimento dos alunos. Deste modo, os alunos puderam compreender como funciona o processo de escansão e contagem de sílabas poéticas, fazendo batidas com as mãos na mesa acompanhando a declamação do canto.

Na sequência, os alunos reuniram-se em grupos para fazer a escansão de dois versos do cordel de Arraes, colocando em prática os conhecimentos da aula.

(Aula 5 – 50 min)

O fio condutor da aula foi oralidade e variação linguística com a professora Mestre Julia Ricardo – professora de inglês do CAp, trabalhando, portanto, o cordel de Patativa do Assaré – *Cante lá que eu canto cá*⁵. Para iniciar a abordagem, os alunos foram convidados a outros dois trechos de entrevistas do canal Maurício Meirelles. Esperava-se que eles percebessem diferenças entre um áudio e outro, com base em questões linguísticas. Promoveu-se uma discussão acerca da variedade linguística presente na fala, sobre o preconceito linguístico com algumas formas marcadas.

No segundo momento, os alunos ouviram a declamação do cordel de Patativa, acompanhando a leitura da letra. Em seguida, pediu-se que eles identificassem os elementos que acreditavam ser da oralidade. Ainda, solicitou-se que marcassem os dados que achavam fazer parte da sua fala. Após, dialogou-se sobre o material sinalizado pelos estudantes e a diferença dessas marcas dialetais e de informalidade; em seguida, fechamos fazendo a relação entre cordel e oralidade/informalidade.

(Aula 6 – 50 min)

Nas aulas seguintes encaminhou-se para a finalização do projeto. Portanto, os alunos foram apresentados ao cordel de Bráulio Bessa – Cordel declamado em homenagem ao dia da Consciência Negra⁶, retomando os conceitos estudados para que pudessem fazer a

⁴ *Literatura de Cordel*, Francisco Diniz – Disponível em: <https://www.projetocordel.com.br/literaturadecordel.php>. Acesso em: 20/09/2023

⁵ *Patativa do Assaré - CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ* – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hOOZfjMOzks&t=87s>. Acesso em: 20/09/2023

⁶ *Bráulio Bessa recita cordel em homenagem ao Dia da Consciência Negra - 18/11/2016* disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5457843/>. Acesso em: 20/09/2023.

identificação dessas informações na letra do cordelista.

(Aula 7 – 1h30 min)

Na sétima aula, retomou-se o cordel de Bráulio para introdução da produção textual. A temática do cordel “**eu tenho um sonho**” objetivava recuperar o discurso de Martin Luther King e, tendo em vista o objetivo da escrita, tornou-se necessário que os estudantes conhecessem a história do ativista e de seu discurso. Assim, trabalhou-se na disciplina de inglês, separadamente, a trajetória de vida do militante para então iniciarmos a produção escrita dos estudantes.

O momento de escrita (solicitação de produção textual conforme Figura 1) proporcionou a descobertas de excelentes cordelistas, engajados e com muito a dizer, muitos sonhos a declamar com asas nos pés como a personagem de Arraes. Os alunos escreveram sobre seus desejos de formatura, sobre seus ideais de um bom emprego, sobre injustiças raciais, inclusão e racismo.

(Aula 8 – 2h30 min)

O segundo momento ocorreu em conjunto com o componente curricular de Artes para a elaboração das capas dos cordéis com a técnica de Isogravura⁷. Os alunos tiveram parte da noite reservada à produção de seus desenhos e à prancha do desenho no molde de isopor, produzindo suas capas de cordéis.

Figura 1 – Solicitação da atividade

Momento de escrita - “Eu tenho um sonho...”



Hoje, a tarefa será a escrita de um cordel que contenha **versos** e **estrofes**. Produza duas estrofes, sobre alguma problemática social que considerem importante, preferencialmente com **rimas** de Cordel, intitulado “ *Eu tenho um sonho...*”

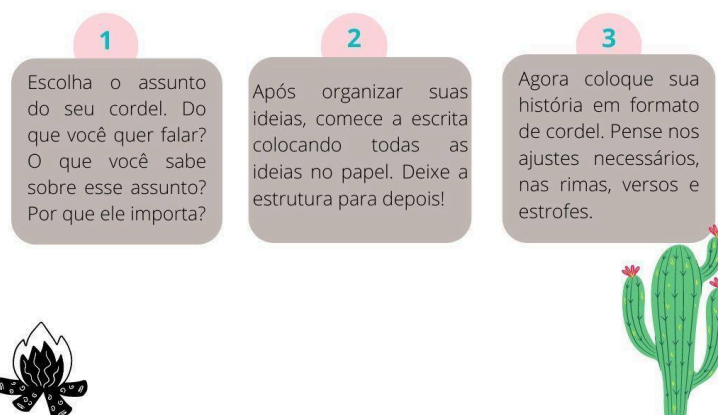


Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 2 - Instrução para a escrita

⁷Isogravura é uma forma de produzir uma gravura usando isopor.

Construindo um cordel...



Fonte: Imagem produzida pela autora

(Aula 9 – 1h30 min)

Após uma aula de reescrita, no último encontro do projeto, organizou-se os cordéis em cordas para exposição no saguão da escola. Os alunos organizaram um pequeno momento de sarau para compartilharem suas escritas e suas experiências no processo de escrita, de leitura e apreciação dos textos de cordel. É preciso acrescentar que a prática não previa um sarau para finalização. A ideia inicial era apenas a exposição dos cordéis para a escola, todavia, a prática foi tão importante e foi tão apreciada que partiu dos estudantes a declamação de seus textos.

2. Considerações Finais

A prática de estágio é um momento de grande importância para o encerramento da graduação em uma licenciatura. Experimentar a sala de aula, acompanhar a força e resistência dos alunos para concluírem seus estudos e poder compartilhar aquilo que debatemos e conversamos com eles é enriquecedor para a futura docência.

Além disso, a proposta criou situações em que os alunos puderam expressar suas subjetividades, experimentar o processo de escrever o texto, criar a ilustração, pranchar o molde com tinta e esperar secar. Dessa forma, a escrita à mão, possibilita novamente visualizar seu trabalho artístico tomando forma, até chegar no varal expondo sua poética para outros olhares e outras histórias.

Outrossim, a proposição dos alunos de finalizarem com o cordel, este impulso de expor sua voz, seu sonho e sua escrita para todos, como um grande momento de compartilhamento de vitórias e conquistas demonstra o quanto um ensino contextualizado, um ensino significativo pode transformar a forma de ensinar e aprender. E não somente, possibilita que os alunos se tornem agentes em sua aprendizagem. Reconheçam seus feitos e suas conquistas e mobilize também formas de compartilhar seus conhecimentos e aprendizados.

Neste contexto, a política aplicada dentro do projeto não foi a de manter a apropriação dos discursos e poderes para autores consagrados, teorias e regras de normatização, mas a modificação desse processo de aprender, tornando o aluno agente de seus saberes, de suas descobertas e conhecimentos, valorizando suas vozes e seus desejos, tanto que se sentiram confortáveis para explorar a declamação poética como voz de resistência e reconhecimento dentro da escola da forma mais poética e sensível possível, transformando aquele curto momento de estágio e produção de texto, em um grande momento de escrevivência de si, do outro e de diferentes histórias que fazem o chão do Colégio Aplicação da UFRGS.

Além do processo de escrevivência, que modificou o olhar dos alunos para suas produções e para suas conquistas e sonhos, pode-se compreender na prática o quão dialógica é a língua, pois quando há o que ser dito e interlocutores dispostos a ouvir e compreender o discurso, o processo de escrita não é um mártir, não é trabalhoso e suas narrativas não são motivos de vergonha ou destinadas à gaveta, tornam-se narrativas para serem lidas e compartilhadas, histórias a serem contadas com naturalidade e reconhecimento.

Por fim, o projeto foi bem-aceito e bem aproveitado pelos alunos, encerrando esse ciclo de aulas compartilhando de muito conhecimento para os discentes e os docentes.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARRAES, Jarid. **Redemoinho em dia quente**. 1º Ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, p. 30-34. 2019.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

MOURA, Clóvis. **O preconceito de cor na literatura de cordel**. São Paulo Editora Resenha Universitária. 1976.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

Contribuições de autoria:

Ana Paula da Silva Menezes: Conceitualização, Organização, Interpretação e Análise de Dados, Investigação, Metodologia, Supervisão/Orientação, Redação.

Data de submissão: 16/01/2023

Data de aceite: 20/09/2023